

Documentários portugueses

E' deversas lamentável que em Portugal se não produza o documentário artistico.

Todos nós que freqüentamos os cinemas sabemos de antemão que temos de assistir, em determinada altura do programa, á passagem de cem metros de película mal impressionada, mal revelada, pontilhada de manchas, constelada de riscos e com uma demão de tinta que vai desde o vermelhão ao amarelo-canário. São cinco minutos de enfado, que nos vão deixar os olhos a arder, em consequência da scintilação da fotografia. Demais, já se advinha o que seja o filme.

Abre infalivelmente em iris, sôbre uma planície pedregulhenta, onde caminha, aos bordos, um garotele escanifrado e churdo. Logo a seguir há uma legenda de seis linhas, com dez erros de gramática e quinze de ortografia.

Depois de três hesitações, a câmara de filmar, atacada de delirium-tremens, faz uma rotação sôbre uma viela tortuosa, onde passa um churrião carregado de fêno. Até aqui, a tintagem é alaranjada; mas, como o filme deve parecer a taboleta duma drogaria, prêga-se-lhe nesta altura um banho de púrpura, que é para o espectador julgar tratar-se duma scena de incêndio.

O quadro imediato é o Tejo por alturas da Cruz Quebrada. Quatro maniveladas, fusão lenta sôbre um penedo que esconde o sol e... — ... eis um documentário português.

Donde vem o mal? Dos operadores?

Entendamo-nos. Operador cinematográfico não é qualquer pessoa. E' necessário estudo, trabalho e tempo. Ora nós enfermamos dessa avalanche de pseudo-manivelistas, que dum dia para o outro surgiu de Kinamo em punho, a queimar película por todos os cantos.

Porque se dá guarida a esses operadores inexperientes? Eu sei que é nobre auxiliar os novos, mas convém sempre não esquecer os profissionais. E nós temos operadores profissionais com conhecimentos e competência. Macedo, Vieira, e, modernamente, César de Sá, estão á altura de produzir bons documentários.

O que é necessário?

Que ao lado dèsses operadores esteja alguém para dirigir a tomada de vistas. Alfama é uma tentativa digna do nosso acolhimento e incitamento.

César de Sá, v. g., produz quadros deversas apreciáveis, com interessantes tonalidades de luz. E, no entanto, há qualquer coisa de arbitrário, de fragmentário, nos seus filmezinhos. E' a falta do realizador.

Para se fazer documentários — convençam-se disto — deve chamar-se primeiro um realizador, que gizará uma ideia, traçará uma planificação, encontrará a seqüência lógica e equilibrada do assunto.

É evidente que esse realizador pode ser o próprio operador. Mas, como os nossos operadores fazem os filmes só com o aparelho de tomada de vistas...

Dizem que cem metros é pouco para que dentro dèles caiba uma obra de arte.

Méra desculpa.

«Que os alugadores pagam mal» — acrescentam...

Não me admiro. Ante a qualidade que lhes apresentam, tólos seriam se pagassem bem...